

OS ELEMENTOS COMPOSITIVOS DA PAISAGEM URBANA DO QUADRILÁTERO CENTRAL DE LONDRINA

Resumo Expandido

Esta pesquisa fundamenta-se na importância da percepção ambiental como fundamento teórico e metodológico de estudo da paisagem urbana, visando as inter-relações entre o homem e o ambiente, que afetam a qualidade de vida e a construção das imagens das cidades. O objeto de estudo é o desenho urbano do quadrilátero central de Londrina, pela sua importância histórica e simbólica.

A análise urbana, através da composição visual, permite entender as transformações urbanas e arquitetônicas no tempo e no território, partindo da formação da paisagem urbana original, para apontar os possíveis cenários urbanos vivenciados pela população nos dias atuais e como essa interação pode servir de premissa para as intervenções urbanas, visando a qualidade de vida, onde a sociedade possa de fato usufruir dos espaços públicos e identificar-se com ambiente.

Desse modo, o trabalho apresenta uma abordagem analítica do espaço público a partir das propostas de Kevin Lynch (1960) e Yi-Fu Tuan (1983) para avaliar a construção da paisagem urbana, sua legibilidade e suas imagens coletivas ante seus cidadãos, considerando-se os espaços públicos previstos no desenho urbano inicial da cidade (1929) e como se inserem na morfologia da cidade, quais transformações sofreram e se são elementos de estruturação do espaço.

Apesar do objeto de estudo ser o projeto urbanístico da Companhia de Terras do Norte do Paraná, não se pode desconsiderar a expansão urbana para além dos limites iniciais, verificando quais são os vetores de crescimento e modificadores do espaço urbano, onde os fenômenos sociais, políticos, econômicos, culturais e ambientais têm responsabilidade direta.

Referencial Teórico e Problematização

A paisagem urbana pode ser definida como um conjunto de elementos que agrupados constituem um todo: a configuração da cidade. Na arquitetura moderna as funções ditavam a forma dos objetos, inclusive das cidades, mas seus argumentos de padronização, modelo universal e zoneamento não se sustentaram por muito tempo, visto que cidades não são máquinas, não são objetos inertes em uma forma estática, é, antes de tudo, a materialização das relações entre o homem e o meio ambiente. Os críticos ao modernismo trouxeram à tona numerosas questões acerca do ambiente construído

analisado pela percepção e, dentre eles Kevin Lynch e Gordon Cullen são considerados pioneiros (DEL RIO; OLIVEIRA, 1999).

Olhar para as cidades pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama. Como obra arquitetônica, a cidade é uma construção do espaço, mas uma construção em grande escala; uma coisa só percebida no decorrer de longos períodos de tempo. O design da cidade é, portanto, uma arte temporal, mas raramente pode usar seqüências controladas e limitadas de outras artes temporais, como a música, por exemplo. Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as seqüências são invertidas, interrompidas, abandonadas e atravessadas. A cidade é sob todas as luzes e condições atmosféricas possíveis. (LYNCH, 1999, p. 1)

No tocante à percepção ambiental Lynch valorizava a percepção individual e a imagem ambiental como fator de sobrevivência e estabilização da relação homem/meio. Seu trabalho consiste numa crítica ao urbanismo moderno do início do século XX, mas ateve-se a trabalhar com atribuições físicas, deixando de lado significados sociais e históricos, posteriormente adotados por outros autores, em especial pela geografia humanística. (DEL RIO; OLIVEIRA, 1999)

A abordagem da percepção ambiental proposta por Lynch (1999) seja apenas qualitativa, foi ampliada e renovada, tornando-se importante instrumento para o entendimento entre as relações homem-ambiente, pois conforme explica Del Rio; Oliveira (1999), ambientes de baixa qualidade físico-ambiental são vandalizados, sendo um fenômeno transcultural dos dias atuais. Isso porque são os cidadãos que vivenciam e são influenciados pelos impactos da qualidade ambiental, especialmente em se tratando de espaços públicos.

Tuan (1983) avançou mais nos estudos da percepção ambiental, dentro da geografia humanística, onde o espaço vivido é o foco de suas pesquisas, através das significações materializadas e afetivas que dão o espírito ao lugar, ou seja, ao *genius loci*, que segundo Del Rio (1999) distingue a categoria cognitiva do espaço – local meramente funcional, e do lugar – local percebido e repleto de valores e significados. Desse modo, Tuan propôs o termo Topofilia definindo-o como "o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou quadro físico".

A palavra "topofilia" é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o **locus** de reminiscências e o meio de se ganhar a vida. (TUAN, 1980, p. 107).

Nesse sentido, o autor aborda questões fenomenológicas, que orientaram a geografia cultural preconizando as relações entre homem e ambiente.

O método fenomenológico consiste em renovar a cada momento uma ciência rigorosa dos objetos. É necessário, provisoriamente, de certo modo, colocar de lado os resultados e a realidade dos conteúdos, para prestar atenção nos objetos com intenção consciente.

É através da consciência que é possível compreender as estruturas objetuais e espaciais do mundo. Trata-se de um novo campo da experiência, uma metodologia experimental, baseado no empirismo e psicologismo da *gestalt* e da topologia, com espírito científico, matemático. (SHIMBA, 2007)

Para Tuan (1983) *apud* Landim (2004), a experiência é o modo pelo qual as pessoas conhecem e constroem a realidade, cuja compreensão ocorre quando se proporciona condições para a sua verbalização. Desse modo, experiências com aspectos comuns possibilitam a interpretação da vivência e da experiência no mundo. Essa abordagem não verifica apenas o aspecto visual, pois abrange a busca pelo entendimento do significado e do valor que a paisagem possui e que assume uma condição cognitiva de integridade.

Landim (2004) complementa que a paisagem urbana é resultado da experimentação dos ambientes construídos, através de processos cognitivos e perceptivos que criam associações mentais dotadas de significados. Dessa forma, as partes móveis da cidade (pessoas, atividades e fluxos) são tão importantes quanto as partes estacionárias. Significa que a paisagem existe através de um processo de relações da qual as pessoas fazem parte da cidade. No entanto, Lynch (1999) ressalta que a visão de cada um é fragmentada e parcial, onde os sentidos, além da visão, são estimulados.

O autor acrescenta também que a cidade sofre processos de adição ou subtração em sua estrutura, mediante as necessidades de cada tempo, onde o controle sobre o crescimento e expansão do espaço são parciais e resultam numa sucessão de fases, em constante continuidade.

Para que uma cidade seja legível, ela deve ser dotada de qualidade visual, ou seja, possuir elementos físicos que são de fácil reconhecimento e podem configurar-se como uma imagem coletiva. Ao mesmo tempo, a circulação dentro do ambiente construído deve ser bem orientada e de fácil absorção, facilitando o fluxo das pessoas sobre o território, que, por sua vez, recorrem a sistemas de referências, como meio organizador de reconhecimento da cidade.

Quanto melhor for a qualidade visual de um dado espaço, mais fácil será a sua representação visual, isto é, a criação de imagens codificadas – simbólicas – que

sirvam de instrumento de comunicação entre os membros da sociedade, além de estabelecer elos com o território, ao possibilitar sua apropriação e, conseqüentemente, sua conservação e preservação.

Tais discussões tornam-se mais recorrentes com a inserção de elementos exógenos na paisagem, especialmente das cidades médias do interior paulista e do norte do Paraná, recebendo novos padrões impositivos, homogeneizando e pasteurizando os espaços e, por conseguinte, dificultando a legibilidade. Landim (2004, p. 17) aponta como exemplos: os novos modelos de uso do solo, como os condomínios fechados e a verticalização; a padronização das intervenções sobre o espaço público quanto o tipo de arborização, o desenho dos pisos e calçamentos, os símbolos das grandes redes de lojas e instituições financeiras, que acabam impondo-se como referências de orientação nos percursos urbanos e, muitas vezes, alteram as relações morfológicas existentes.

Sendo paisagens homogêneas, as cidades tornam-se cenários, ou seja, representações pictóricas, sem interação com o território em si, pois as variações compositivas diminuem, resultando em espaços apáticos e monótonos, explorados pelos interesses especulativos imobiliários.

A paisagem urbana, dentro da dinâmica sócio-espacial definida por Santos (1999), é reconstruída por similaridade, através da homogeneidade, incorporada a recortes espaciais específicos de uma época determinada. Esse ciclo é latente e garante a própria existência da cidade, pois as estruturas remanescentes são conservadas e, portanto, são referenciais particulares do local, enquanto as adições representam a transformação da paisagem.

As cidades do século XXI apresentam-se entre a dialética e a tensão entre o antigo e o novo; entre o local e o global, cujos espaços são banalizados pela falta de organização compositiva e a percepção visual forjada, separando o homem do seu território. Para Landim (2004, p. 44), esse fenômeno contribui para a criação de uma paisagem cada vez mais invisível, no sentido de não ser vivenciada, apreendida, experimentada ou percebida: é irreconhecível como imagem de um determinado lugar, com grande contribuição da aceleração e da virtualidade. Os espaços urbanos são apenas corredores de passagem, obstáculos a serem vencidos rapidamente.

Os espaços interiores ganham mais importância e, por isso, recebem tratamentos mais elaborados, enaltecendo o abandono dos espaços públicos livres, os quais permitem a percepção e a construção das paisagens, sendo fundamentais para sua apreensão. Com a falta dessa interação, as relações entre ambiente e o homem são latentes, ou seja, regride-se para um estado icônico.

Os espaços públicos sempre foram caracterizados pela permanência. Na cidade do século XX, esses mesmos espaços são caracterizados pela

passagem. O estar em público outrora assumia um papel de representação social, hoje é um estar em movimento; o flaneur é substituído pelo movimento com uma direção precisa. Essa questão está tão presente em nossas vidas, que nem nos damos conta de seus efeitos, que atuam no sentido de nos desprender de nosso espaço e nossa realidade. (LANDIM, 2004, p. 45)

Essa simples travessia não permite a fixação das imagens e não há tempo suficiente para a percepção apurada por todos os sentidos, apenas a visão é explorada. Essa condição evidencia-se nas intervenções urbanas de recuperação dos tecidos urbanos, tentando devolver ao espaço, paisagens de outros contextos históricos: são imagens de paisagens simuladas, descompassadas do tempo.

Esse fenômeno é conhecido como simulacro, onde a configuração da paisagem não é resultado das ações sociais, mas imposições cenográficas, produzida e criada, subordinada a proliferação de símbolos. De acordo com Sevcenko (2004), a sociedade caminha pelo culturalmente necessário e não pela real necessidade de sua sobrevivência saudável. Sendo que a percepção visual deve ser aguçada e apurada, no sentido de que a imagem torna-se a razão de tudo, o espelho do consumismo brutal e avassalador.

Ainda, segundo o autor, a publicidade utiliza-se do aguçamento do olhar para que possa direcionar a percepção dos indivíduos em função do capital, para que elas se deixem seduzir, pelas formas, cores, texturas dos produtos industrializados, especialmente pelos elementos adicionados ao espaço público. O olhar humano passa a captar o fluxo dinâmico da vida e não mais a estaticidade de outrora.

A partir dessas colocações, a presente pesquisa procurou elucidar os aspectos naturais ou construídos que determinam a imagem visual do quadrilátero central de Londrina, isto é, os elementos da paisagem urbana que a identificam. Tomou-se como objeto de análise os espaços públicos inseridos no traçado xadrez inicial com o propósito de avaliar se estes a caracterizam e a distinguem de outras localidades.

Procedimentos Metodológicos

A análise dos espaços públicos mencionados foi desenvolvida visando verificar a forma compositiva na estrutura urbana da cidade e quais transformações sofreram ao longo do tempo. Se permaneceram como importantes elementos ou se sofreram transformações oriundas da inserção de novos elementos que permitem reflexões sobre a dinâmica de crescimento e as transformações ocorridas.

Parte-se dos elementos definidos por Lynch (1999) como identidades físicas do espaço urbano, para, em seguida, abordar o valor e o significado de cada um desses elementos, percebidos pelos cinco sentidos (TUAN, 1983), dentro do contexto sócio-espacial, cujos objetivos foram identificar as paisagens dotadas de beleza cênica,

verificando se são imagens pitorescas ou imagens intrínsecas à identidade da cidade. Além disso, a dinâmica urbana é comentada, apontando os possíveis vetores de expansão da cidade e a discussão de possíveis cenários urbanos em formação.

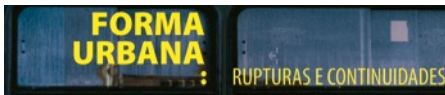
Elegeram-se como objeto de estudo as áreas de maior importância histórica do quadrilátero central, com ênfase nos espaços públicos: Praça Floriano Peixoto; Praça Wille Davids e Calçadão da Avenida Paraná; Praça Rocha Pombo e o conjunto tombado; Praça Primeiro de Maio e as Ruas Rio de Janeiro e São Paulo.

O propósito da análise foi verificar os elementos compositivos, próprios da configuração da forma, com as propostas dos dois autores, averiguando a qualidade ambiental desses cenários. A partir daí podem ser apontadas algumas características do espaço, que lhe dão caráter de público.

Para o desdobramento da pesquisa, foi definida uma metodologia de trabalho, a partir da revisão bibliográfica, definindo um panorama do uso e da ocupação da cidade de Londrina, a partir de dados iconográficos, documentais, estudo das legislações existentes, que também corroboram com a configuração da paisagem urbana contemporânea. Desse modo, o repertório histórico tem por objetivo descrever o desenho do núcleo central, objeto de estudo. Essa retratação histórica permite também direcionar caminhos para os elementos urbanos potencialmente relevantes, sob o ponto de vista da preservação do patrimônio cultura edificado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTELLS, Manuel. **A questão urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CASTELNOU, Antônio. **Arquitetura Londrinense**: expressões de intenção pioneira. Londrina: 2002.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. 5ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. coleção estudos. p. 61-129.
- DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Percepção Ambiental**: a experiência brasileira. 2ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999
- LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 2ed. Lisboa: Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2000.
- LANDIM, Paula Cruz. **Desenho de paisagem urbana**: as cidades do interior paulista. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Coleção a.
- SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**, no loop da montanha russa. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- SHIMBA, Otávio Yassuo; UREN, Flávio Henrique da Rosa. **Londrina**: cidade cenário. Londrina: Midiograf, 1999.



SHIMBA, Otávio Yassuo. **El sujeto como proyecto**: sujeto, proyecto, dibujo y sistema integrado de relaciones, bases para una pedagogía de la ideación arquitectónica. 1997. Tese (Doutorado em Arquitetura). Universitat Politècnica de la Catalunya. Barcelona.

_____. **Material didático da especialização em arquitetura e pós-modernidade**. Londrina, 2007, 1 CD.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.